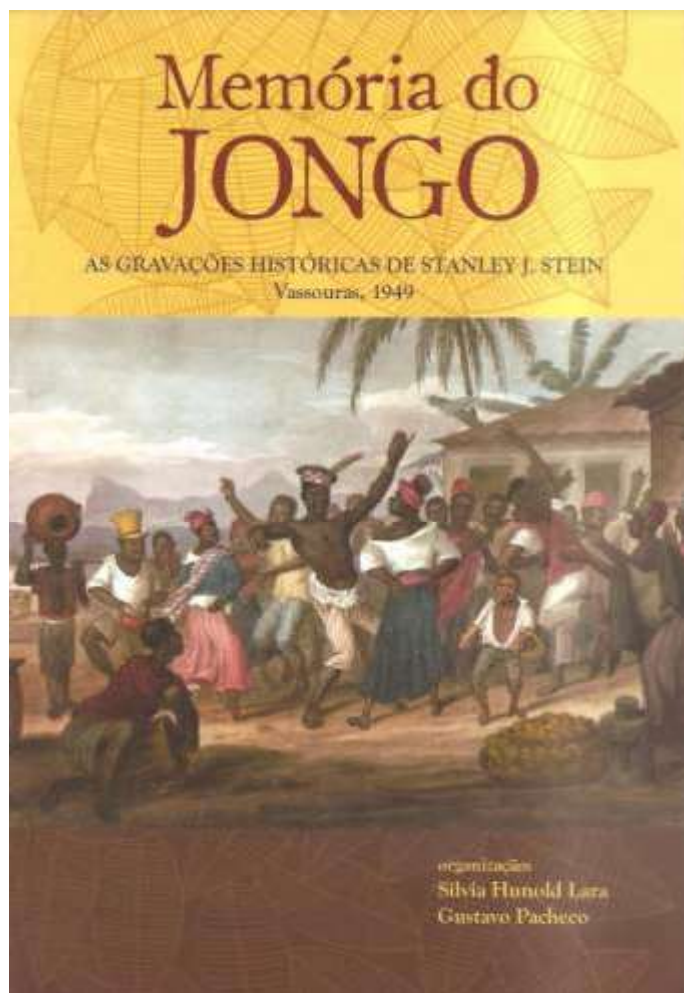


MEMÓRIA DO JONGO

AS GRAVAÇÕES HISTÓRICAS DE STANLEY J. STEIN EM VASSOURAS



No mês em que é comemorado o dia Estadual do Jongo, comemorado no dia 26 de julho, trouxemos uma obra simbólica que é leitura fundamental para nos aproximar de uma manifestação cultural exclusiva do sudeste brasileiro, cuja presença no Vale do Café é marcante e que tem relação de grande proximidade com o café e com as fazendas onde ele era cultivado. O Jongo se tornou patrimônio cultural imaterial brasileiro em 2005 e registrado no Livro das Formas de Expressão do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

“Memória do Jongo - As gravações históricas de Stanley J. Stein (Vassouras, 1949)” organizado por Sílvia Hunold Lara e Gustavo Pacheco joga luz à discussão sobre o Jongo mas traz também gravações raras captadas em Vassouras pelo pesquisador Stanley Stein no final da década de 40 com registros de Jongo, Folias de Reis,

Calango, modas populares e até o equivalente a um samba-enredo. Verdadeiras preciosidades!

A obra, de 2007, foi viabilizada por meio da lei federal de incentivo à cultura com patrocínio da Petrobras. Entre os textos constantes do livro, há um texto do próprio Stanley J. Stein e de outros pesquisadores como os organizadores, Sílvia Hunold Lara e Gustavo Pacheco e textos de Hebe Mattos, Martha Abreu e Robert W. Slenes.

A ótima notícia é que o livro está disponível para download gratuito em PDF assim como estão disponíveis também gratuitamente alguns dos áudios gravados pelo historiador na região. Os links estão ao final da matéria.

A Revista Vale do Café entrou em contato com a pesquisadora que falou um pouco sobre o livro, sobre Stanley Stein e sobre o Jongo.

REVISTA VALE DO CAFÉ: Como surgiu seu interesse pelo Jongo?

SÍLVIA LARA: Em 1999, o etnomusicólogo Gustavo Pacheco entrou em contato com o historiador norte-americano Stanley Stein pois tinha interesse em saber detalhes sobre as gravações que ele havia feito em suas pesquisas em Vassouras em 1949. Stein achava que esse material estava perdido, mas um dia Pacheco recebeu pelo correio, em sua casa no Rio de Janeiro, uma bobina de arame com um bilhete dizendo que Stein a havia encontrado durante uma arrumação em seu escritório. Pacheco procurou sua amiga Martha Abreu, sua ex-professora na Universidade Federal Fluminense, que participava de um projeto desenvolvido no Centro de Pesquisa em História Social da Cultura (Cecult), na Unicamp. Eu fazia parte desse projeto e era diretora do Cecult. Achamos que valia a pena investir em um modo de recuperar o material sonoro e, depois de muito procurar, em 2004, enviamos a bobina para uma empresa nos Estados Unidos que foi capaz de recuperar e tratar o que estava gravado ali. O resultado foi surpreendente: ali havia 60 pontos de jongo, cinco batuques de tambor, nove calangos, uma folia e seis sambas, sendo cinco instrumentais e um cantado! Tínhamos em mãos um tesouro que merecia ser estudado, divulgado. Foi assim que comecei a me interessar por estudar o jongo.

REVISTA VALE DO CAFÉ: Como ele se insere na sua trajetória na academia?

SILVIA LARA: Minhas pesquisas sempre estiveram voltadas para a história da escravidão e dos escravizados no Brasil dos séculos XVII e XVIII. Mas depois de 2004, com o “presente” que recebemos de Stanley Stein, passei também a estudar e a me interessar pelo jongo. Foi um trabalho de equipe, que contou muito com os conhecimentos de Gustavo Pacheco e de outras colegas da Universidade Federal Fluminense, da Universidade Federal de Campinas e da Universidade de Princeton (na qual Stanley Stein era professor emérito). Fizemos vários seminários e publicamos dois livros, aqui e nos Estados Unidos. Quando o Memória do Jongo estava sendo organizado, Stein encontrou vários negativos das fotografias que tirou ao longo dos 18 meses em que morou em Vassouras. Algumas imagens, com moradores locais que ele havia entrevistado, foram incorporadas ao livro. Esse material, assim como a bobina de arame, foi doado ao Arquivo Edgard Leuenroth, na Unicamp, e foi com ele que organizei uma exposição virtual em 2009 e que hoje (em segunda versão). Ela se chama “Stanley Stein: o historiador fotógrafo” e está disponível em:

<https://www.expo.ifch.unicamp.br/portal/stein>

REVISTA VALE DO CAFÉ: Você conheceu o Stein pessoalmente?

SILVIA LARA: Sim. Foi uma das melhores “consequências” de meu contato com o jongo. Ele era um pesquisador refinadíssimo, um excelente historiador e, sobretudo, uma pessoa admirável. No artigo que escrevi para o Memória do Jongo (que trata da importância de seu livro para a história da escravidão no Brasil) eu o comparei a uma alta e bela canela: uma árvore que cresce devagar mas fica enorme, servindo de ponto de referência para muitas gerações. Ele gostou da metáfora e sempre brincávamos com isso.

REVISTA VALE DO CAFÉ: Fale um pouco sobre a organização do livro. Como foi a escolha dos autores participantes?

SILVIA LARA: Organizar e produzir o livro foi uma forma de conseguir financiamento para estudar as gravações e divulgá-las. Gustavo Pacheco teve a ideia de propor um projeto para concorrer aos editais da Petrobras. O projeto foi aprovado e vigorou entre 2006 e 2008. O Memória do Jongo foi publicado em 2007 e 1400 exemplares foram distribuídos gratuitamente para universidades, centros de cultura e bibliotecas públicas do Brasil e do exterior. Os artigos foram escritos por todos os que estavam envolvidos no projeto. Stein escreveu um texto belíssimo sobre sua experiência em Vassouras. Gustavo Pacheco tratou da importância das gravações, eu do modo inovador como Stein fez sua pesquisa, Hebe Mattos e Martha Abreu, juntas, aborda-

ram a história do jongo no Brasil e Robert Slenes (meu colega na Unicamp) analisou as metáforas dos pontos de jongo gravados por Stein.

REVISTA VALE DO CAFÉ: Na sua opinião, o que mudou a partir do reconhecimento do Jongo como patrimônio cultural pelo estado brasileiro?

SILVIA LARA: Desde o início dos anos 2000, o interesse pelo jongo cresceu muito! Para além dos grupos que, em todo o Sudeste do Brasil, tradicionalmente cantavam e cultivavam o jongo, havia um movimento mais institucionalizado, como no caso da Associação Cachoeira!, em São Paulo, ou o Pontão de Cultura do Jongo, no Rio de Janeiro. Todos eles, juntos, foram responsáveis pelo registro do jongo como patrimônio cultural imaterial. No século XIX, os escravizados usavam o jongo como uma forma cifrada de comunicação e de crítica social. O reconhecimento formal do jongo como patrimônio imaterial pelo IPHAN, em 2005, fortaleceu os esforços dos grupos tradicionais que lutavam para preservar o jongo, permitindo que ampliassem sua atuação. O jongo expressa valores e formas de manifestação cultural que possui fortes raízes africanas, que serviram de base para que os escravizados refletissem e falassem de suas experiências nas plantações de café no Sudeste. Ele constitui um elemento fundamental da formação da cultura brasileira - de todos nós, pretos, pardos e brancos: ele expressa a resiliência de homens e mulheres que enfrentaram a escravidão e serve de exemplo para nossa atuação no presente e norte para nossos sonhos de futuro.

REVISTA VALE DO CAFÉ: Como você vê essa manifestação cultural hoje?

SILVIA LARA: Outro dia vi um vídeo produzido por uma comunidade quilombola em que apareciam idosos e crianças tocando tambores e dançando. Isso acontece há muito tempo, mas agora é cada vez mais valorizado. Esse trabalho de educação dos jovens, de aprendizado de valores ancestrais é fundamental. Ele deveria fazer parte da vida de todas as crianças nas escolas. Não é algo que deva ser entendido como importante apenas para a cultura afro-brasileira, mas sim como elemento formador da cidadania no Brasil - um patrimônio de todos os cidadãos brasileiros. Por isso precisa ser preservado e transmitido de geração em geração.

[Aqui](#) você encontra o livro em PDF

E [aqui](#) as gravações feitas pelo Stanley Stein